



**A IDEOLOGIA DA NATURALIZAÇÃO DA FOME NO CONTEXTO DA
REPRODUÇÃO AMPLIADA DO CAPITAL: DE JOSUÉ DE CASTRO AOS ESPAÇOS
DA FOME MODERNA**

Thaís Chaves Freires¹
Gislane Barbosa Fernandes²
Suzane Tosta Souza³

INTRODUÇÃO

O presente resumo ampliado parte da necessidade de melhor entender a fome contemporânea e seus rebatimentos espaciais frente o processo expansivo e acumulativo do capital, que relega a classe trabalhadora a constantes privações na reprodução de sua existência: a fome é apenas uma delas. Parte das discussões iniciadas em projeto de Iniciação científica, através do qual busca-se a inter-relação entre o fenômeno da fome, a condição de classe e a produção desigual do espaço. A pesquisa se estabelece em dois momentos: primeiro na leitura e interpretação do livro Geografia da Fome, de Josué de Castro e, em um segundo momento, dada expansão do fenômeno da fome na atualidade, a busca de compreender os espaços da fome moderna como expressão das contradições capital *versus* trabalho.

METODOLOGIA

A fim de viabilizar os objetivos propostos, a referida pesquisa pauta-se, em um primeiro momento, em pesquisa bibliográfica, através da leitura e interpretação da obra seminal Geografia da Fome, do médico Josué de Castro, e seu contexto histórico,

1 Bolsista IC/CNPq – Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia. Endereço eletrônico: thaischavesfreires@hotmail.com

2 Graduanda em Geografia na Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia e bolsista pela FAPESB. Endereço eletrônico: gisafernandes18@gmail.com

3 Docente do Departamento de Geografia da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia. Endereço eletrônico: suzanetosta@gmail.com



enquanto pioneiro na temática da fome e suas expressões espaciais/regionais no país. Posteriormente, entendendo que o fenômeno da fome não é algo superado buscou-se retomar o debate sobre a fome na atualidade e suas expressões espaciais – configuradas nos espaços da fome moderna, lócus de reprodução dos trabalhadores historicamente expropriados dos meios de produção. Para tanto, buscou-se bibliografias mais recentes, tanto na Geografia como em áreas afins; além de documentos oficiais sobre o mapa da fome no mundo e no país. A fim de compreender a expressão concreta na reprodução da classe trabalhadora e a fome explícita ou velada a que parte desses estão sujeitos, será realizado trabalho de campo, com coleta de dados via formulário, na periferia urbana de Poções/BA.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A situação imposta à classe trabalhadora atual, no contexto de investida do capital sobre o trabalho, leva a ampliação e intensificação da fome no mundo. Essa realidade, portanto, longe de vir a ser entendida como um processo ideológico de naturalização da fome se explica e se expande frente às próprias necessidades produtivas do capital, e a expropriação dos trabalhadores do produto do seu trabalho. A própria expansão do exército de trabalho e dos sujeitos supérfluos, detentores única e exclusivamente de sua força de trabalho e dispostos a vendê-la sob qualquer circunstância, e dada impossibilidade do capital em explorar esses sujeitos, pode ser compreendido como central na análise da intensificação da fome na atualidade. Nesse contexto, os espaços da fome e da miséria se confundem com os espaços de reprodução da classe trabalhadora – a exemplo das periferias urbanas ou das comunidades pobres camponesas. De tal modo, as ditas políticas estatais de distribuição de renda, não são suficientes para resolver o problema da fome no mundo, na medida em que não mexe nas questões estruturais da exploração do trabalho pelo capital.

A presente pesquisa buscou-se, inicialmente, através da leitura do clássico Geografia da Fome, de Josué de Castro, publicado originalmente no ano de 1946, compreender a fome como resultado das contradições existentes na sociedade composta por classes sociais antagônicas e que, portanto, nada tinha haver com as meras dificuldades oriundas das condições naturais, como os longos períodos de estiagem no Nordeste brasileiro, por exemplo. Assim, foi lida a questão da fome como processo social, oriundo da concentração



da riqueza, e da terra, nas mãos das classes dominantes e da necessidade da reforma na estrutura fundiária e outras questões levantadas pelo eminente médico. Partindo dessa realidade concreta, concebe-se que, o fenômeno da fome, longe se superado se amplia frente à expansão do capital e sua ânsia de acumulação na atualidade. No campo, tal realidade se expressa de forma diretamente proporcional ao crescimento significativo da produção de alimentos, em que, contraditoriamente, o fenômeno da fome – explícita ou velada – também se amplia. Assim, considera-se os espaços da fome moderna como lócus de miséria indispensáveis a produção e acumulação da riqueza – via expansão do capital. Portanto, a questão é estrutural e não será resolvida enquanto prevalecer às condições desumanas e destrutíveis desse modo de produção.

Ressalta-se que poucos são os trabalhos acadêmicos voltados para o estudo do fenômeno da fome, entretanto, a destruição causada pela fome é imensa, sendo mascarada para não interferir na lógica da reprodução ampliada. Como enfatiza Boyd Orr (2007), sempre foi julgado pouco pertinente, entre os povos bem nutridos, debater sobre a fome dos menos afortunados - fome - que nunca foi conteúdo muito popular em questão de política. E, no entanto, a fome tem sido através dos tempos, a mais perigosa das forças políticas.

É bastante comum associar algumas intempéries, catástrofes naturais e até mesmo as características climáticas de algumas regiões à fome. Há quem afirme, com plena convicção, que a fome da população do sertão nordestino brasileiro está ligada à falta de chuva na região. [...] No entanto, no sertão, morre por falta de alimento apenas o mais pobre. Jamais sucumbe aquele que tem posses e, portanto, acesso ao alimento (NUNES; MARCONDES; & HELENE; p.14, 1994).

Há um discurso ideológico de naturalizar a pobreza, a miséria, como resultado de desastres ambientalistas, mas, os únicos que são efetivamente prejudicados são os pobres, quando perdem sua produção agrícola, ficam sem acesso ao alimento e sem condições financeiras para comprá-lo no mercado. Eis, portanto, o ponto-chave do problema. Há alimentos suficientes no planeta para satisfazer as necessidades humanas de todos os habitantes, a grande questão está na distribuição fundiária, na centralização do poder e da renda, intimamente ligado à posse e uso da terra, tendo como uma das medidas para sua superação, a reforma agrária, que devia partir da união dos trabalhadores rurais contra os latifundiários, no sentido de defender a distribuição da propriedade da terra, transformando os camponeses pobres em produtores e consumidores de mercadoria.

A intensificação do lucro leva à concentração de riqueza, onde a miséria se



espacializa na produção desigual e perversa da relação capital *versus* trabalho, inserida no discurso da globalização, em que há um progresso da técnica e da ciência, em uma nova ordem de acumulação flexível que, contraditoriamente, pretende desenvolver a economia e por fim a desigualdade.

CONCLUSÕES

O drama da fome que age sobre grandes massas humanas é um fenômeno social presente em toda a dimensão do espaço geográfico, com variações de intensidade, destruindo e arrasando muitos de seus indivíduos. O desconhecimento da realidade vivida ameaça desestabilizar a sociedade. Há uma tentativa de mascarar as suas misérias, conseqüentes de sua organização social, e principalmente, do seu passado histórico.

A fome se expressa geograficamente a partir da condição de classe dos sujeitos que passam fome, de serem trabalhadores, ocupando e produzindo os espaços da miséria, manifestando espacialmente porque ela é produto de uma sociedade classista, portanto desigual. A fome e a miséria são condições necessárias à própria reprodução ampliada do capital e superar a fome, a desigualdade, a miséria, requer a própria transformação da realidade social, destruindo as relações de produção. À medida que o trabalhador se apropria do produto do seu trabalho, não há fome e nem miséria.

Palavras-chave: Desigualdade. Fome. Miséria. Sociedade classista.

REFERÊNCIAS

ALVES, José Jakson Amancio, A contribuição de Josué de Castro no estudo e combate à fome e sua repercussão científica e política na geografia, **Revista de Geografia**. Recife: UFPE – DCG/NAPA, v.25, n.2, mai/ago. 2008.

CASTRO, Josué de. **Geografia da Fome (o dilema brasileiro: pão ou aço)**. Rio de Janeiro: Editora Antares, 1984.

HELENE, Maria Elisa Marcondes; MARCONDES, Beatriz; NUNES, Edelci. **A fome na atualidade**. São Paulo: Editora Scipione, 1994.